

Biblioteca Anarquista



A comunidade pandêmica

Nil Mata Reyes



Nil Mata Reyes
A comunidade pandêmica
10/Abril/2020

www.nilmatareyes.com
Tradução: Coletivo Planètes

bibliotecaanarquista.org

10/Abril/2020

1. Bem-vindo à comunidade pandêmica, uma forma de pertencimento social estruturada pela lógica participativa e profilática das máquinas em rede. O objetivo da vida na comunidade pandêmica é estar intimamente "em contato", mas seguramente fora do alcance, estar totalmente conectado em isolamento higiênico e, portanto, totalmente isolado por redes higiênicas.

2. Toda a vida que tinha sido organizada na resolução da instituição - a universidade, a fábrica, o escritório, o hospital, a prisão - está agora organizada na resolução dos endereços de rede. Na comunidade pandêmica, a vida social, a vida laboral, a vida escolar e a vida política, todas se contraem na vida doméstica antes de explodirem na vida em rede. Tudo o que tinha conseguido escapar furtivamente à captura digital de redes, lamentavelmente, submete-se e conecta-se.

3. A abundância de tempo recentemente não estruturado na comunidade pandêmica transborda rapidamente com a abundância de notificações, anúncios, atualizações, alertas, mensagens, pings e convites para tempo conectado. Se antes da pandemia uma vida podia passar por várias instituições ao longo de um dia, tornando-se um trabalhador, um consumidor, um paciente e um estudante a cada vez, agora uma vida pode assumir formalmente todas estas posições simultaneamente como abas em navegadores, como aplicativos em dispositivos, e como software em redes. As subjetividades algorítmicas piscam incessantemente como entradas em bases de dados.

4. Na comunidade pandêmica, o risco de contágio é deslocado por redes para outros racializados e sexualizados que não podem trabalhar. Armazenistas, motoristas de caminhão, funcionários de custódia, empregados de supermercado, funcionários de hospitais, catadores de lixo e trabalhadores por empreitada são os alicerces materiais para uma vida doméstica maximamente ligada em rede e minimamente ambulatória. O que não pode ser transmitido é compensado por uma classe móvel tão precária como o contato é contagioso, tão essencial como dispensável.

5. A comunidade pandêmica reimagina a domesticidade como a síntese conectada de segurança e eficiência, um local integrado e interoperável onde a divisão espacial e temporal entre trabalho produtivo e reprodutivo pode ser superada. Em lares confinados mas interligados, as vidas podem dormir, comer, ser país, trabalhar, beber, cozinhar, foder, ensinar e fluir em ambientes controlados e disciplinados. Quer seja realizado em casa ou realizado para sustentar as casas dos outros, todo o trabalho é agora

doméstico. As vidas cujas casas são hostis devido a rendas inacessíveis, abusos domésticos ou edifícios superlotados são abandonadas como estatisticamente previsíveis mas, em última análise, descartáveis, enquanto aqueles que são desalojados nunca entram na equação.

6. A comunidade pandêmica não é uma comunidade de corpos, mas de dados. À medida que mais vida vem a ser posta em rede, as redes sabem mais sobre a vida, e à medida que mais vida vem a ser conhecida pelas redes, as redes têm mais poder sobre a vida. A produção recíproca de conhecimentos e de poder sobre os quais foram fundadas as instituições disciplinares é totalmente automatizada na comunidade pandêmica. Todas as ações realizadas em redes produzem excedentes de dados que - através da sua acumulação - regressam, em última análise, como uma arma contra a vida. A política é dispensada como outro problema técnico.

7. Antes da pandemia, a forma cultural privilegiada era a atividade que excedia as redes. Tudo o que acontecia "na vida real" e "longe dos teclados" era fetichizado, mesmo que eventualmente também viesse a circular em rede. Na comunidade pandêmica, a própria rede assume o lugar do privilégio. Instituições culturais de todo o tipo despedem pessoal e alugam servidores, cancelam shows e encomendam conteúdos. A vida social é traduzida na vida em rede de uma forma participativa e improvisada. Na sequência da convergência da estética e da cibernética, a comunidade pandêmica refaz a cultura de acordo com os seguintes truísmos: "Tudo o que se conecta é bom, e tudo o que é bom se conecta e "A boa vida é a vida conectada".

8. Na comunidade pandêmica, o capitalismo não se pode sustentar a si próprio e, por isso, é simulado. Uma avalanche de pacotes de estímulo, empréstimos sem juros e suspensões de pagamentos reanimam a economia de forma virtual, onde a subtração em massa do trabalho global é compensada pela multiplicação em massa da dívida global. A suspensão política da economia capitalista e a simulação técnica das relações capitalistas são empreendidas apenas como preparação para a eventual chegada de um mundo pós-pandêmico onde as contradições do capitalismo se possam tornar reais de novo. Até lá, a comunidade pandêmica vive a virtualizada precarização, expropriação e privatização do capitalismo como parte de um ensaio em rede, onde a simulação dos mercados capitalistas também simula a sua violência.

9. A linguagem da comunidade pandêmica é a linguagem dos protocolos. O intercâmbio sincronizado e sequenciado de dados entre os endere-

ços da rede, a cascata coordenada de fluxos binários, é um meio técnico para tornar a vida numérica determinada. A linguagem é capturada como caracteres legíveis por máquina, a fim de analisá-la e monetizá-la como comunicação, enquanto a consciência é capturada como cliques e rolagens de tela, a fim de medi-la e manipulá-la como atenção. Mesmo a morte só pode ser compreendida numericamente na comunidade pandêmica, capturada como estatística e depois visualizada como uma série pixelada de gráficos, curvas e mapas. Viver e morrer tornam-se formalmente permutáveis na medida em que ambos são capturados dentro da abstração e mediação de redes.

10. As forças destrutivas da comunidade pandêmica são simultaneamente a condição de possibilidade de processos pandêmicos imensamente produtivos, e tudo o que for produzido para defender a vida do contágio pode vir a servir de modelo para a vida pós-pandêmica em geral. Quando os tratamentos surgirem, a imunidade do rebanho se desenvolver e uma vacina chegar, a economia global terá sido totalmente reorganizada e as novas infra-estruturas, aparelhos e redes constituídas para a pandemia já terão sido bem implementadas. Entre os resultados mais consequentes da pandemia estarão não só as muitas vidas perdidas para o vírus, mas também a total reinvenção das próprias formas em que as vidas são vividas.

11. O que quer que funcione na comunidade pandêmica acaba por funcionar contra a vida. A ociosidade que caracteriza o potencial da vida é entendida pela comunidade pandêmica como um potencial que, se não se tornar produtivo, ameaça, em última análise, destruir a comunidade pandêmica. Por outras palavras, a comunidade pandêmica vê o potencial produtivo e destrutivo da vida como duas expressões do mesmo potencial. A exigência de que continuemos a estudar sem pausas, de que nos apressemos praticamente a voltar ao trabalho, de que as nossas vidas prossigam em rede, só se articula agora tão urgentemente porque, numa pandemia que privou a vida dos seus usos sociais, a vida parece ameaçar totalmente a sociedade. O ponto zero da vida para além da comunidade pandêmica torna-se assim a própria vida, a vida para além de qualquer uso particular.

12. Na comunidade pandêmica, a nossa capacidade de nos conhecermos a nós próprios e uns aos outros - de conhecer a nossa situação - é totalmente mediada e estruturada por redes. Os algoritmos e protocolos que compõem as redes não são apenas estruturados pelo pensamento dos

programadores, mas também estruturam o pensamento que ocorre conjuntamente com e em rede. Nessas condições, a vida examinada só pode tomar forma como um exame em rede que nunca deixa de validar mais concretamente os seus próprios pressupostos: a vida vivida em rede só se redescobrirá sempre como vida em rede. Se a forma de rede é totalizante neste sentido, a nossa tarefa passa de saber o que somos a recusar o que somos.

13. À medida que estas últimas palavras vão sendo digitadas, começou a surgir uma nova atividade em cidades de vários continentes que sugere a existência e a resistência da vida que excede e escapa à comunidade pandêmica. Todas as noites, pessoas fora das janelas, nos alpendres e dos telhados começaram a gritar, a bater em tachos e panelas e a tocar música uns para os outros, uma atividade que, à sua maneira, se tornou contagiosa. Este gesto coletivo pretende celebrar aqueles que arriscam a vida para nos sustentar a todos, mas também é uma forma de nos encontrarmos sonoramente na cacofonia de uma multidão dispersa mas reunida. Para além da morte, da depressão e do desespero, que tão intensamente atravessam o coração da comunidade pandêmica, as pessoas clamam umas às outras por aquilo que não se encontra nas suas redes em casa, por uma vida que não se limita a viver, mas que vale a pena viver.